

21

Segunda geração
modernista: prosa



©Wikipedia Commons/Leo Nunes

■ Seca no Nordeste brasileiro



Ponto de partida ¹

1. Descreva a paisagem que compõe a imagem.
2. Como você caracterizaria a figura humana presente na foto?
3. Para você, é possível atribuir uma intenção crítica a essa fotografia? Por quê?



Acontecia

Romance de 1930

Acompanhando o processo brasileiro de transformação política e social que ocorreu na passagem da década de 1920 para a de 1930, parte da produção literária em prosa se integrou ao que se pode chamar de **novo sistema cultural** do país, ou seja, ao projeto cultural desencadeado pelo Modernismo a partir de 1922 (o antigo sistema refere-se, portanto, à perspectiva tradicionalista da cultura baseada no beletismo parnasiano que foi hegemônico no Brasil até o surgimento e o avanço da estética modernista). As obras literárias estabeleceram, nesse momento, um diálogo intenso com as ideologias que circulavam na Europa, especialmente com o comunismo e com o fascismo, ideias que ocupavam os polos políticos de “esquerda” e de “direita”.

Mesmo se tratando de ficção, isto é, ainda que as narrativas não possam ser lidas como uma expressão direta dos dilemas sociais vivenciados em várias localidades do Brasil, o romance social da década de 1930 marca um dos momentos mais significativos da escrita literária nacional no que diz respeito à representação da realidade brasileira. Aspectos históricos, antropológicos e sociológicos passaram a fazer parte das narrativas ficcionais, renovando a forma de escrita da literatura e proporcionando aos leitores a compreensão de um mundo marginalizado e, por vezes, pouco conhecido.

Assim, uma nova geração de escritores, liderados por Gilberto Freyre, tomou como matéria fundamental de seus textos uma realidade regional, que diz respeito principalmente ao Nordeste. Alguns dos itens que compõem o *Manifesto regionalista*, proferido em 1926 na cidade de Recife, durante o I Congresso Brasileiro de Regionalismo, associam o regional ao projeto modernista de investigação do Brasil.

- II. Nem separatismo nem bairrismo.
- III. Precisamos de uma articulação inter-regional.
- IV. O Nordeste e o Brasil.
- [...]
- IX. Defesa dos valores plebeus e não apenas dos elegantes e eruditos.
- [...]
- XVIII. Separando o regionalismo do simples esnobismo tradicionalista.
- [...]
- XX. A civilização regional do Nordeste como expressão de uma harmonia de valores.
- XXI. Onde estão os poetas, os romancistas, os contistas? onde estão os pintores, fotógrafos, os compositores?

FREYRE, Gilberto. Manifesto regionalista de 1926. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 345.

Nesses trechos do *Manifesto regionalista*, a representação da nação brasileira é indissociável dos aspectos regionais. A discussão sobre a integração entre o regional e o todo da nação (o “não bairrismo”) é repetida várias vezes no manifesto, o que indica a preocupação dos regionalistas em buscar a expressão do Modernismo no interior do espaço regional com a finalidade de **formular uma identidade local**. Para que esse projeto pudesse se firmar, Freyre, autor do manifesto, apela para os artistas, como se pode ver no item XXI.

Para muitos estudiosos, até meados da década de 1910, o Nordeste, como unidade política e social, não era “percebido” de maneira positiva. Essa região foi tida como um espaço de decadência econômica e de atraso social durante muito tempo – desde meados do século XIX representava uma “região-problema”.

A prosa literária desse período, portanto, pode ser entendida de diversas maneiras: denúncia de uma estrutura político-social baseada no poder dos senhores do açúcar que estava falindo; desejo de representação de uma realidade nacional deixada em segundo plano no cenário nacional; interesse em explorar os dilemas existenciais do homem que vivenciava os problemas sociais e naturais das regiões Norte e Nordeste do país.

Sugestão de atividades: questões 1 e 2 da seção **Hora de estudo**.



Capa do *Manifesto regionalista*, publicado em 1926

Olhar literário

Perspectiva nordestina na prosa de 1930

A prosa de ficção de 1930 deu continuidade ao projeto político-literário que se iniciou no Modernismo de primeira geração. Do ponto de vista estético, a exploração da linguagem e de temas característicos de algumas regiões do Brasil pode ser entendida como marca de maior destaque na produção literária do período. O romance *A bagaceira*, publicado em 1928, é considerado o marco inicial dessa fase do Modernismo. 6 Orientações a respeito do romance *A bagaceira*.

Se, de um lado, os primeiros modernistas se debruçaram sobre os acontecimentos que marcaram uma mudança na estrutura social do país (a concentração de trabalhadores nas cidades, a expansão industrial e a incorporação dos imigrantes, para citar alguns), os prosadores do romance regionalista de 1930 ainda se viam ligados a uma realidade agrária, estruturalmente arcaica e exploradora, que persistia no Sertão.

Alguns personagens dos romances regionalistas da segunda fase do Modernismo apresentam um saudosismo em relação a tempos antigos, resgatando a imagem de um mundo que cada vez mais ficava para trás. Por outro lado, nesses mesmos romances, o mandonismo, a figura centralizadora do proprietário de terras, a estrutura familiar coesa e personalista e a naturalização da violência são características questionadas como comportamentos relacionados ao atraso. **7** Orientações sobre a leitura de romances regionalistas do período.

Veja, a seguir, como cada um dos principais escritores da prosa regionalista de 1930 tratava o conflito entre o passado e o moderno em suas obras.

Graciliano Ramos

Um dos aspectos mais característicos do estilo de Graciliano Ramos é o uso contido das palavras, isto é, a busca por um texto em que não haja palavras "sobrando". Cada palavra é necessária na prosa de Graciliano, por exemplo, o uso de adjetivos nunca cumpre a função de embelezar o texto para chamar a atenção do leitor. Dessa marca de estilo pode-se entender o traço essencial de sua escrita: a beleza encontra-se justamente na precisão.

No que diz respeito aos temas, sua obra denuncia a opressão imposta ao ser humano em diferentes situações e seus personagens são seres angustiados. Independentemente do cenário em que se encontram, os personagens vivenciam situações de constrangimento e humilhação.



Capa de uma edição de São Bernardo

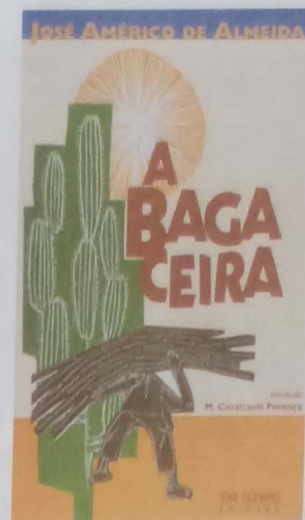
Em *São Bernardo*, livro publicado em 1934, o centro da narrativa é ocupado pela figura de Paulo Honório, que narra sua ascensão econômica, de uma situação de pobreza até tornar-se dono do latifúndio que leva o nome do livro. Esse personagem-narrador conta as artimanhas utilizadas para tomar posse da fazenda. Muitas dessas ações são realizadas de forma brutal com a intenção de tomar posse de maneira absoluta não somente do espaço produtivo da fazenda, mas também da vida das pessoas que ali viviam.

A trajetória de Paulo Honório, portanto, distancia-se do significado positivo que poderíamos dar ao herói que surge das classes marginalizadas. A perspectiva ideológica desse personagem aponta para a perpetuação das condições resultantes da exploração econômica, que transforma seres em objetos que podem ser dominados. Um bom exemplo refere-se a seu casamento com Madalena. Para o narrador-personagem, Madalena representava mais um objeto que deveria possuir.

Depois da morte da amada, que se recusa a deixar-se dominar pelas atitudes violentas do marido, Paulo Honório passa a se dedicar à escrita de suas memórias, não por demonstrar arrependimento, mas, sim, para tornar claras as opções e justificar seu comportamento predatório, que desumaniza tudo o que está à sua volta. **8** Sugestão de discussão com base na obra *São Bernardo*.

Em *Vidas secas*, obra publicada em 1938, o enredo acompanha a saga de uma família de retirantes fugindo da seca que arrasa o sertão. A obra é narrada em terceira pessoa e dividida em capítulos curtos, compostos de quadros que reforçam a noção de que o tempo passa sem que a vida miserável das pessoas se transforme.

Apesar de tratar da seca que impera em algumas localidades do Nordeste do país e da miséria social decorrente do descaso das autoridades em resolvê-la, pode-se afirmar que o romance ultrapassa os limites do regionalismo literário e adquire uma perspectiva universal, por ressaltar o sofrimento e a ausência de soluções para a vida das pessoas que vagam pelo sertão em busca de condições mínimas de subsistência, além de propor uma discussão sobre o limite entre a condição humana e a condição animal. **9** Sugestão de discussão baseada em *Vidas secas*.



A bagaceira, de José Américo de Almeida



Rachel de Queiroz

Nome de destaque na produção literária da segunda geração modernista, Rachel de Queiroz produziu uma narrativa em que a visão regionalista se divide em duas perspectivas, até certo ponto complementares: enfoque na linguagem objetiva ao mesmo tempo que há uma concepção subjetiva, com base na qual ocorre uma investigação do feminino.

As metáforas relacionadas à realidade exterior são permeadas por um caráter psicológico, criando uma escrita até então nova na literatura brasileira. Em seu romance de estreia, *O quinze* – considerado pela crítica literária seu texto mais importante –, a escritora usa como mote um acontecimento real: a terrível seca ocorrida no Ceará em 1915. Na obra, a secura e a improdutividade se relacionam tanto à realidade da seca quanto aos corpos das mulheres impossibilitadas de engravidar.

10 Orientações relativas ao enredo do romance *O quinze*.

Apesar de ter nascido na capital Fortaleza, Rachel desenvolveu laços fortes com a vida nas regiões que vivenciaram os regimes duros das secas. O caráter documental de sua obra evidencia uma das marcas mais significativas da prosa de 1930.

Outras narrativas importantes de Rachel de Queiroz são *João Miguel* (1932), *Caminho de pedras* (1937), *As três Marias* (1939), *Dôra*, *Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992).

Sugestão de atividades: questões 6 e 7 da seção **Hora de estudo**.

José Lins do Rego

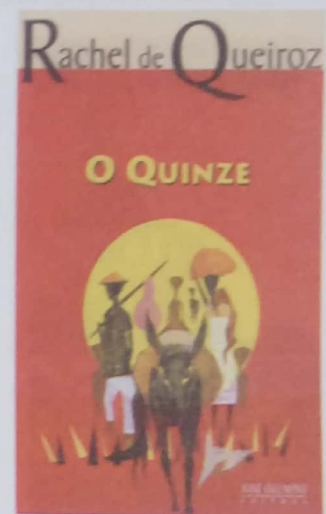
A produção literária de José Lins do Rego pode ser dividida em dois blocos: um deles corresponde às narrativas do ciclo da cana-de-açúcar, composto dos romances *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936) e *Fogo morto* (1943); e o outro abrange romances como *Pedra bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953), chamado ciclo do cangaço. Além desses dois blocos, há os romances considerados independentes, como *Riacho doce* (1939). **11** Sugestão de filme.

Cada um desses ciclos tem um núcleo temático: um deles composto de histórias e personagens relacionados à produção de açúcar nos antigos engenhos, e o outro apresentando histórias relacionadas à brutalidade das ações do

Em *Vidas secas*, Fabiano, sua mulher sinha Vitória e seus filhos são submetidos a situações de humilhação, fruto das arbitrariedades dos poderosos. Sem conseguir resistir, ou mesmo lutar por seus direitos, a família sobrevive deslocando-se sem destino determinado: o capítulo inicial é o registro de uma fase dessa caminhada sem ponto de chegada certo. Do mesmo modo, o último capítulo apresenta o início de uma nova fuga para outro espaço destruído pela seca, o que perpetua a desventura dos retirantes.

Além de *São Bernardo* e *Vidas secas*, Graciliano Ramos escreveu outras narrativas que igualmente podem ser consideradas fundamentais para a literatura brasileira. Entre elas, *Coetés* (1933), *Angústia* (1936) e *Memórias do cárcere* (publicada postumamente em 1953).

Sugestão de atividades: questões 3 e 5 da seção **Hora de estudo**.



■ *O quinze*, obra de 1930

cangaço. De modo geral, os dois ciclos retratam a decadência econômica e política da região nordestina, ou seja, a falência dos modos de vida identificados com os engenhos produtores de açúcar e de seus donos, os coronéis.

Um dos pontos de partida da escrita de José Lins do Rego é o resgate das próprias experiências, uma vez que ele era herdeiro de um engenho decadente. Seu estilo emprega recursos da linguagem oral com a finalidade de tornar as narrativas algo natural, como se o leitor estivesse em meio a uma contação de histórias.

Sugestão de atividades: questões 8 a 11 da seção **Hora de estudo**.

Jorge Amado

O uso de uma linguagem simples e a descrição poética da realidade social são marcas da obra de Jorge Amado. Esse autor é um dos mais lidos pelo leitor brasileiro e um dos mais traduzidos para outras línguas.

Seus romances destacam a natureza, de modo que a imagem do Nordeste se distancia de uma visão mais crítica do espaço natural hostil, presente, por exemplo, nos textos de Graciliano Ramos ou de Rachel de Queiroz. O narrador procura compor para o leitor um ambiente que o envolve sensorialmente, com cheiros e visões exuberantes.

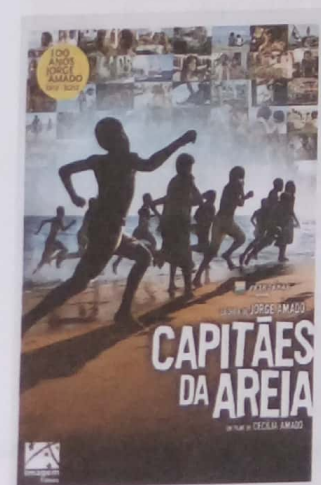
As histórias de Jorge Amado ocorrem em lugares distantes da seca e da fome, mas não deixam de trazer essas questões para a reflexão do leitor. Em *Gabriela, cravo e canela*, de 1966, um de seus livros mais conhecidos (adaptado duas vezes para televisão, como novela e como minissérie), a protagonista Gabriela inicia sua jornada fugindo da pobreza e da exploração social que existe na localidade em que nasceu. Seu deslocamento, porém, não tem como destino cidades que também vivenciam o ciclo do infortúnio, como ocorre em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. A jovem chega a uma próspera cidade situada na região sul da Bahia, cuja riqueza é proporcionada pelos altos preços do cacau que ali se planta.

O conflito apresentado pelo romance não apela para questões existenciais ou subjetivas, como acontece em obras de outros romancistas da geração de 1930. A disputa entre mentalidades opostas (uma representando o atraso social, identificada na figura dos coronéis, senhores das plantações de cacau; outra representando a modernidade que pretende integrar aquela região ao restante do mundo, identificada com a figura do jovem empreendedor) é bastante esquemática, tornando-se facilmente compreendida pelo leitor.

A tendência para observar o mundo como uma disputa por poder é decorrente do viés ideológico presente na formação de Jorge Amado. Militante do partido comunista, o autor sempre abriu espaço em suas narrativas para discussões sobre valores como a liberdade. Além disso, o foco narrativo é, muitas vezes, construído pela perspectiva dos marginalizados, dos pobres, dos desamparados. No romance *Capitães da areia*, publicado em 1937, a temática da liberdade é identificada com a luta pela sobrevivência de um grupo de meninos abandonados que vivem em um trapiche na capital baiana. O líder dos capitães, Pedro Bala, é o protótipo do herói que se forma entre os marginalizados para assumir, com o passar do tempo, um lugar de revolucionário que se integra ao meio social.

[12] Sugestão de filme.

Outras principais obras de Jorge Amado são: *O país do carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936), *Terras do sem fim* (1943), *Os subterrâneos da liberdade* (1954), *Gabriela, cravo e canela* (1958), *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água* (1959), *Dona Flor e seus dois maridos*, (1966), *Tieta do agreste* (1977) e *Tocaia grande* (1984).



Capa de um filme baseado na obra *Capitães da areia*

Sugestão de atividades: questões 12 e 13 da seção **Hora de estudo**.



Capa de uma edição da obra *Menino de engenho*

Romance urbano na década de 1930

Além da prosa regionalista focalizada na representação literária da região nordestina, destaca-se também, na segunda geração do Modernismo, a escrita de narrativas ambientadas em espaços urbanos como uma vertente importante no conjunto publicado na década de 1930.

De modo geral, esses romances constroem um painel da burguesia que se forma nas cidades. A transformação dos valores tradicionais é tema recorrente nessa produção, muitas vezes expressa por um questionamento moral ou uma crise espiritual que atinge os protagonistas.

Um exemplo de narrativa que compõe um cenário urbano é *Os ratos*, de Dyonélio Machado. Publicado em 1935, esse romance conta um dia na vida de Naziazeno Barbosa, um sujeito comum cujo problema é estar sendo cobrado pelo leiteiro para pagar uma dívida; caso não a pague, não receberá sua cota diária de leite.

O drama, que retrata um problema semelhante ao enfrentado por uma parcela da população, adquire contornos trágicos na medida em que Naziazeno não consegue o dinheiro para saldar seu débito. A crítica à sociedade que se torna refém do dinheiro, ou seja, que abandona valores solidários em nome da lógica monetária, chama a atenção para as pequenas misérias a que se sujeitam os homens.

Outro autor que produziu uma série importante de escritos em prosa explorando os espaços periféricos das cidades e os tipos sociais que por ali circulavam foi Erico Verissimo. Autor de *Clarissa* (1933) e *Música ao longe* (1936), que tratam dos costumes da sociedade do Rio Grande do Sul, Verissimo conseguiu representar os dilemas, os anseios e as contradições da pequena burguesia.

A estratégia de escrita desses romances tem como ponto fundamental a criação de personagens que se opõem. No caso de *Clarissa*, nome do personagem que dá título ao romance, uma jovem alegre estudante que veio do interior, para quem o mundo se abre em possibilidades. A oposição se dá em relação à figura de Amaro, personagem de aproximadamente 40 anos que vê frustrado seu grande sonho de tornar-se um pianista.

O espaço predominante da narrativa é a pensão em que ambos moram, lugar "de passagem", que simboliza a provisoriabilidade, lugar em que os estados de espírito da felicidade e da tristeza se encontram. Enquanto Clarissa se volta para o mundo exterior, tentando compreender o mundo adulto que a cerca, Amaro vive recluso, relacionando-se pouco com as pessoas que estão a sua volta.

A obra apresenta uma narrativa introspectiva, que faz com que o leitor acompanhe um movimento constante entre interioridade e exterioridade, entre o universo psicológico e o mundo das relações sociais. Sua estrutura revela um mundo formado pelo entrecruzamento de vozes que se contrapõem e representam diferentes tipos de sujeitos: jovens X adultos; feminino X masculino; objetividade X subjetividade; o desabrochar da menina X a reclusão do homem.

No contexto da produção narrativa da segunda geração do Modernismo brasileiro, a prosa urbana foi responsável por representar uma sociedade que se tornava mais complexa, composta não apenas de tipos relacionados às classes abastadas, de um lado, e aos pobres, de outro. Verissimo foi um dos escritores que deu voz a estratos sociais antes secundários na literatura. A descrição dos medos e anseios da classe média (seus sonhos de ascensão social e econômica) ganha expressividade em seus romances.